



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE HISTÓRIA**

ALEXANDRE COSTA DA SILVA

**O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA EM
BRAGANÇA-PA: o caso do quadrinhos *Maus*, de Art Spiegelman**

BRAGANÇA – PA

2026

ALEXANDRE COSTA DA SILVA

**O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA EM
BRAGANÇA-PA: o caso do quadrinhos *Maus*, de Art Spiegelman**

Texto apresentado como Trabalho de Conclusão do
Curso (TCC) de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Eliene Cristina Soares Charlet

BRAGANÇA – PA

O USO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA EM BRAGANÇA-PA: o caso do quadrinhos *Maus*, de Art Spiegelman

Alexandre Costa da Silva

Resumo: Este artigo analisa o uso das histórias em quadrinhos no ensino de História, discutindo seu potencial como recurso pedagógico. O estudo busca compreender como essa linguagem contribui para a aprendizagem histórica, tendo como objeto de análise a obra *Maus*, de Art Spiegelman. A pesquisa adota abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e entrevistas com uma professora e estudantes da educação básica e do ensino médio. Os resultados indicam que as histórias em quadrinhos despertam maior interesse e facilitam a compreensão dos conteúdos, embora sua utilização ainda enfrente limitações relacionadas à formação docente e às práticas tradicionais. Conclui-se que, quando mediadas pedagogicamente, constituem um recurso relevante para o ensino de História e para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; Ensino de História; *Maus*; Art Spiegelman; Metodologias de ensino.

Introdução

A utilização de metodologias diversificadas no ensino de História tem se consolidado como um importante campo de debates no âmbito educacional, sobretudo, diante da necessidade de tornar o processo de ensino e aprendizagem mais significativo, crítico e próximo da realidade dos estudantes. Nesse contexto, as histórias em quadrinhos vêm conquistando cada vez mais espaço como uma linguagem capaz de articular texto e imagem, favorecendo a construção do conhecimento histórico. Durante muito tempo as histórias em quadrinhos foram consideradas apenas um entretenimento destinado ao público infantil, mas passaram a ser reconhecidas também como importantes recursos pedagógicos.

Partindo de tal, o presente artigo analisa as histórias em quadrinhos como uma possibilidade metodológica para o ensino de História, apresentando a obra *Maus: a história de um sobrevivente* (1986), de Art Spiegelman, como uma proposta didática para a abordagem da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto. Ao narrar a experiência de sobrevivência de Vladek Spiegelman nos campos de concentração nazistas por meio da linguagem dos quadrinhos, a obra demonstra que temas historicamente sensíveis podem ser trabalhados de forma crítica,

reflexiva e humanizada. Dessa forma, *Maus* é entendido neste trabalho não apenas como uma produção artística, mas também como um documento cultural capaz de estimular a análise histórica.

É importante destacar que a proposta defendida neste estudo não pretende substituir metodologias tradicionalmente consolidadas, como o livro didático, as aulas expositivas ou outras fontes documentais utilizadas pelo professor, muito pelo contrário, compreende-se que os quadrinhos constituem um recurso complementar, capaz de ampliar as possibilidades metodológicas disponíveis ao docente, diversificando as práticas pedagógicas e favorecendo diferentes formas de aprendizagem. Dessa maneira, o uso de *Maus* é entendido como uma alternativa que dialoga com os métodos já empregados na escola, enriquecendo o ensino de História sem excluir os instrumentos tradicionalmente utilizados.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, buscando compreender as percepções de professores e estudantes acerca do uso das histórias em quadrinhos como recurso didático. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a professora Antônia Lenilma Meneses, com 16 anos de experiência na educação básica e que leciona na escola Bolívar Bordalo da Silva, em Bragança, no estado do Pará, docente com quem tive contato inicial em meu Estágio Supervisionado II, pela Universidade Federal do Pará, assim facilitando as dinâmicas de análises.

Além disso, o trabalho contou com entrevistas de doze estudantes matriculados nas escolas Padre Luiz Gonzaga, Luiz Paulino Mártires, Bolívar Bordallo da Silva e Leandro Lobão da Silveira. As entrevistas com a professora e com os alunos possibilitaram identificar experiências, desafios, potencialidades e limitações relacionadas ao emprego das histórias em quadrinhos no ensino de História, fornecendo elementos fundamentais para a construção das análises desenvolvidas neste artigo.

A organização do trabalho estrutura-se em quatro grandes eixos analíticos, definidos a partir das informações obtidas durante a pesquisa bibliográfica e das entrevistas realizadas. i) apresenta as histórias em quadrinhos enquanto linguagem artística e cultural, discutindo seu reconhecimento social e educacional; ii) aborda o percurso histórico das histórias em quadrinhos, evidenciando seus avanços, desafios e sua inserção no contexto escolar; iii) analisa as percepções de professores e estudantes sobre o uso dessa linguagem no ensino de História, estabelecendo um diálogo entre a fundamentação teórica e os dados obtidos na pesquisa de campo; iv) apresentar *Maus*, de Art Spiegelman, como uma proposta metodológica para o ensino de História, discutindo suas potencialidades para abordar acontecimentos históricos complexos e sensíveis.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar as possibilidades do uso das histórias em quadrinhos no ensino de História, compreendendo suas contribuições para a aprendizagem histórica e apresentando *Maus*, de Art Spiegelman, como uma proposta metodológica capaz de ampliar as estratégias de ensino disponíveis aos professores. Ao articular a produção acadêmica sobre o tema com os resultados obtidos nas entrevistas, busca-se contribuir para o debate acerca da valorização de diferentes linguagens na educação, defendendo que a incorporação das histórias em quadrinhos ao ambiente escolar representa uma ampliação das práticas pedagógicas e das possibilidades de construção dos conhecimentos históricos.

O que são histórias em quadrinhos?

As histórias em quadrinhos constituem uma forma de expressão narrativa que combina diferentes linguagens em um mesmo suporte. Diferente dos textos tradicionais (as chamadas literaturas), os quadrinhos articulam muito mais do que somente palavras, são permeadas de imagens, símbolos gráficos e sequências visuais para construir sentido daquilo que deseja espelhar. Essa característica faz com que eles sejam compreendidos como uma linguagem híbrida, onde a leitura depende da interação entre os elementos verbais e visuais para ganhar sentido.

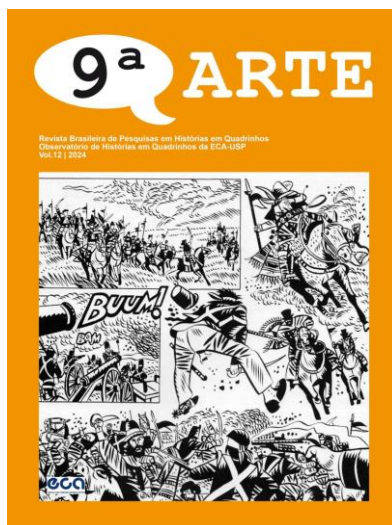
Durante muito tempo, os quadrinhos foram associados apenas ao entretenimento e ao público infantil, distantes da ideia de uma produção de conhecimento científico, sendo frequentemente considerados uma produção cultural de menor importância quando comparados à literatura ou a outras manifestações artísticas. Entretanto, esse entendimento passou a ser questionado, sobretudo a partir do século XX, de forma a destacar-se nas análises de Celbi Pegoraro, na obra denominada *História e cultura brasileira: a consolidação das Histórias em Quadrinhos nos estudos da Comunicação* (2013, onde destaca:

Já Gazy Andraus investiga a situação histórico-social dos fanzines no Brasil. O autor desenvolve a evolução do fanzine, além de distingui-lo de outras publicações alternativas, identificando o fanzine como um veículo impresso, muitas vezes de caráter contestatório e de expressão libertária artística que se configura como parte integrante do fim do século 20 (Pegoraro, 2013, p. 355.)

Dessa maneira, os fanzines como produções independentes, constitui-se de expressões renovadas, como o cinema e os quadrinhos articulando linguagem verbal e visual para comunicar ideias e representar diferentes temas.-

Dessa forma, as histórias em quadrinhos consolidaram-se, ao longo do século XX, como uma importante manifestação artística e cultural, sendo amplamente reconhecidas como manifestação da Nona Arte. Essa denominação decorre do reconhecimento de que os quadrinhos possuem uma linguagem única, resultado da articulação entre elementos visuais e textuais, capazes também (assim como as literaturas) de construir narrativas complexas e promover reflexões sobre diferentes aspectos da sociedade.

Imagem 1 - Histórias em Quadrinhos como 9ª arte



Fonte: Nobu Chinen com arte de Flávio Colin

HQ's: Desafios, preconceitos e avanços.

Como já ressaltado, por muito tempo, as histórias em quadrinhos foram compreendidas apenas como um entretenimento destinado ao público infantil, sendo frequentemente associadas à superficialidade e ao afastamento das práticas de leitura consideradas legítimas, como destaca Natalia Costa de Matos na obra *Espaço Nona Arte: O lugar dos quadrinhos na cidade* (2013):

Porém, apesar da popularidade, o quadrinho ainda é considerado pelo público geral como uma mídia inferior, sem um significado artístico claro, com histórias banais e sem importância social. Além disso tudo, há outra distorção que persegue a mídia em questão: "quadrinho é coisa de criança" (Matos, 2013, p. 13).

Essa concepção contribuiu para que os quadrinhos permanecessem por muito tempo à margem dos espaços acadêmicos e educacionais. Entretanto, as transformações culturais ocorridas ao longo do século XX, somadas ao crescimento dos estudos sobre linguagem, comunicação e cultura, possibilitaram uma mudança significativa na forma como essa mídia passou a ser compreendida, sendo atualmente reconhecida como uma linguagem artística capaz

de produzir conhecimento, representar a realidade e contribuir para diferentes processos educativos.

O preconceito direcionado às histórias em quadrinhos possui raízes sociais e históricas. Em diversos países, especialmente entre as décadas de 1940 e 1950, difundiu-se a ideia de que os quadrinhos exerciam influência negativa sobre crianças e adolescentes. Como afirma Carlos Haag: "Pouco antes, em 1944, o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, do Ministério da Educação, divulgou um estudo que acusava os quadrinhos de causar preguiça mental e desestimular o aprendizado e a leitura de livros" (Haag, 2005, s/p). Essa visão foi fortalecida pela publicação da obra "Seduction of the Innocent", de Fredric Wertham, em 1954, onde o autor atribuiu às revistas em quadrinhos a responsabilidade pelo aumento da violência juvenil do período. Embora muitas das conclusões apresentadas por Wertham tenham sido posteriormente contestadas por outros pesquisadores, suas ideias contribuíram para reforçar uma imagem negativa das histórias em quadrinhos durante décadas, influenciando políticas editoriais e o olhar da sociedade sobre esse meio de comunicação.

No contexto brasileiro, esse preconceito também se manifestou na educação. Durante muito tempo, professores e instituições de ensino privilegiavam exclusivamente os textos tradicionais, entendendo que a combinação entre linguagem verbal e visual (característica dos quadrinhos) reduziria a complexidade e o aproveitamento da leitura em sala de aula. A superação dessa visão ocorreu gradativamente, na medida em que pesquisadores passaram a analisar as histórias em quadrinhos sobre uma perspectiva cultural e de caráter comunicativo, como destaca Natalia Costa de Matos:

Os quadrinhos passaram por uma série de obstáculos antes de serem aceitos como instrumentos didáticos, e mesmo a sua inserção no campo das pesquisas acadêmicas só se deu após grandes nomes da arte incluírem os quadrinhos como seu campo de estudo" (Matos, 2013, p. 37).

Dessa forma, as noções iniciais que consideravam os quadrinhos como elemento de baixa qualidade desconsiderava que os mesmos possuem uma linguagem própria, formada pela formação de diferentes códigos de significados, exigindo do leitor competência para interpretar imagens, textos, enquadramentos, temporalidade e as relações que são estabelecidas entre os quadros. Como reforça Paulo Ramos em *A leitura dos quadrinhos* (2009), onde explica que "Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos" (Ramos, 2009, p. 17). Assim, evidencia-se que as histórias em quadrinhos constituem uma linguagem capaz de comunicar

conteúdos mais complexos, ultrapassando a função de somente entretenimento e assumindo também papéis educativos, informativos e artísticos.

No Brasil, esse reconhecimento também se fortaleceu com o crescimento da produção acadêmica dedicada ao estudo das histórias em quadrinhos. Conforme mencionado acima por Paulo Ramos, os quadrinhos deixaram de ser vistos apenas como produtos da indústria cultural para serem compreendidos também como objetos de pesquisa capazes de mostrar e criticar aspectos sociais, econômicos, culturais e até mesmo políticos de diferentes períodos históricos, como podemos observar na imagem abaixo:

Imagem 2 - Charge de crítica política



Fonte: Ramos, 2009

Esse tipo de mudança em relação a percepção das histórias em quadrinhos, permitiu que as mesmas fossem incorporadas às discussões sobre leitura, linguagem e práticas pedagógicas, inserindo cada vez mais, sua presença no ambiente escolar. A partir da década de 1990, essas discussões passaram a se expandir cada vez mais com a ampliação das discussões sobre a diversidade de linguagens e metodologias no ensino. Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) não faça referência direta as histórias em quadrinhos, seus princípios introduzidos asseguraram a liberdade pedagógica dos docentes e a valorização de diferentes recursos didáticos capazes de favorecer o processo de ensino e aprendizagem, entre eles, as histórias em quadrinhos, como reforça Matos, onde diz que "O uso dos quadrinhos nas salas de aula foi reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9.394/96) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, superando a inicial estranheza que os educadores tinham aos quadrinhos" (Matos, 2013, p. 37).

Essa perspectiva foi fortalecida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que por sua vez, reconheceram as histórias em quadrinhos como um gênero textual legítimo e capaz de ser trabalhado em sala de aula. Os documentos destacam que a escola deve proporcionar aos estudantes o contato com diferentes gêneros discursivos presentes na sociedade, entre eles as histórias em quadrinhos, favorecendo o desenvolvimento da leitura, da interpretação, da análise crítica e da produção de sentidos.

No ensino de História, esse reconhecimento representa um importante avanço, pois possibilita a utilização de uma linguagem que combina texto e imagem para estimular o interesse dos estudantes, facilitando a compreensão de contextos históricos e promovendo reflexões sobre diferentes temporalidades, culturas e representações sociais.

Entre teoria e prática: a perspectiva sobre o uso das histórias em quadrinhos

O uso das histórias em quadrinhos como recurso pedagógico para o ensino de História tem conquistado cada vez mais reconhecimento entre pesquisadores da educação e, mais especificamente, do ensino de História nas últimas décadas. Apesar desse avanço, a realidade das escolas brasileiras ainda mostra uma distância muito significativa entre as possibilidades defendidas pela literatura (daqueles que abordam mais de perto a temática) e a prática cotidiana dos docentes. Essa espécie de "contradição" tornou-se um dos aspectos mais evidentes desta pesquisa, uma vez que, tanto a entrevista realizada com a professora quanto os questionários aplicados aos estudantes, demonstraram que existe uma percepção amplamente favorável em relação ao potencial educativo das histórias em quadrinhos, mas sua utilização permanece extremamente reduzida no ambiente escolar, e por vezes, sequer aplicada. Vale ressaltar, que esta análise não tem como finalidade totalizar determinada prática de ensino exclusivamente através das histórias em quadrinhos, mas reconhecê-las como ferramenta importante de ensino.

A entrevista realizada com a professora Antonia, permite compreender como a presença limitada das histórias em quadrinhos no ensino de História não está necessariamente ligada à rejeição dessa linguagem por parte dos docentes, mas, sim, a um conjunto de fatores que envolvem a formação profissional, a organização curricular, as condições de trabalho e a permanência de uma cultura escolar fortemente marcada pelo uso de metodologias tradicionais. As respostas da entrevistada revelam uma situação elucidativa de muitas realidades de escolas brasileiras. Embora reconheça as potencialidades pedagógicas das histórias em quadrinhos, ela nunca as utilizou em suas aulas, evidenciando que existe um distanciamento entre aquilo que os professores compreendem teoricamente como válido e aquilo que efetivamente conseguem

desenvolver em sua prática pedagógica. Esse cenário permite refletir, inicialmente, sobre a formação docente para a mediação de linguagens visuais.

Durante muito tempo, os cursos de licenciatura em História concentraram sua formação na análise somente de documentos escritos, livros didáticos e fontes documentais tradicionais, dedicando pouco espaço a linguagens alternativas e que fizesse parte do universo dos estudantes, como as linguagens visuais, culturais e midiáticas. Como consequência disso, muitos professores chegam à educação básica sem conhecer metodologias específicas para trabalhar com outros recursos, como as histórias em quadrinhos, cinema, fotografia, charges ou outras manifestações artísticas que também constituem documentos históricos. A própria professora reconhece essa lacuna ao afirmar que uma das principais dificuldades para inserir as histórias em quadrinhos no ensino está na formação docente voltada quase exclusivamente ao livro didático e aos recursos tidos enquanto convencionais, como afirma:

A maior dificuldade de inserir histórias em quadrinhos como metodologia está na resistência institucional ao uso de recursos alternativos, na falta de tempo para preparação e na formação docente voltada quase exclusivamente ao livro didático" (Andrade, 2026, entrevista concedida ao autor)

Se tratando dos recursos didáticos que utiliza com mais frequência, a professora menciona o quadro, o projetor multimídia, livros e apostilas como instrumentos centrais de sua prática pedagógica. Entretanto essa resposta demonstra que a escolha desses materiais não ocorre de forma aleatória, mas considera diferentes elementos, como a faixa etária dos estudantes, os objetivos da aula, a disponibilidade de recursos tecnológicos na escola, o perfil das turmas e a necessidade de aproximar os conteúdos da realidade dos alunos, segundo ela: "Em primeiro lugar, levo em conta a faixa etária e o nível de ensino, já que estudantes mais jovens precisam de recursos visuais e dinâmicos, como mapas, imagens e vídeos, enquanto os mais velhos podem trabalhar com textos acadêmicos e documentos históricos" (Andrade, 2026, entrevista concedida ao autor). Essa percepção revela uma preocupação em adaptar a metodologia as características dos alunos, sendo esse um aspecto amplamente discutido por autores do campo do ensino de História, como Circe Bittencourt, que defende que a escolha dos recursos didáticos deve estar vinculada aos objetivos da aprendizagem e às especificidades dos sujeitos envolvidos no processo educativo, de forma a evidenciar:

Uma formação dos alunos voltada a valorização do trabalho em equipe e para a necessidade constante da interação entre grupos, tendo em vista a realização de tarefas, exige opções por materiais didáticos adequados, que facilitem o alcance de tais objetivos" (Bittencourt, 2008, p. 299).

Embora reconheça o potencial pedagógico das histórias em quadrinhos, a professora afirma nunca ter utilizado esse tipo de recurso em suas aulas de História, aspecto que evidencia uma situação recorrente nas discussões sobre inovação pedagógica, de modo que o professor reconhece determinado recurso como potencialmente eficaz, mas opta por não utilizá-lo em função das condições concretas de trabalho e das representações construídas em torno dessa linguagem. Nesse sentido, a entrevista revela que o obstáculo não está necessariamente nas histórias em quadrinhos, mas nas circunstâncias que envolvem sua implementação, como por exemplo, uma menor abordagem do currículo escolar utilizando métodos alternativos, de forma que ressalta a professora:

Considero que o currículo escolar oferece espaço para metodologias alternativas, como histórias em quadrinhos, na medida em que valoriza diferentes gêneros textuais e práticas de leitura. No entanto, esse espaço depende da iniciativa do professor, já que o currículo não traz essa abordagem como prioridade" (Andrade, 2026, entrevista concedida ao autor).

Dessa forma, ainda que o currículo escolar envolva as diversidade de alternativas de ensino (ainda que não de uma forma mais robusta), cabe ao professor em sala observá-las e implementá-las, como destaca Marise Nogueira Ramos, na obra *O Currículo para o Ensino Médio em suas diferentes modalidades: Concepções, propostas e problemas::*

Desse modo, parece-nos que as diretrizes curriculares atuais fornecem subsídios relevantes para se pensar o currículo não somente como artefato pedagógico, mas nos desafiam, pelas questões que suscitam, a colocá-lo no plano epistemológico (Ramos, 2011, p. 781).

Dessa forma, essa observação evidencia que a simples existência de respaldo legal não garante mudanças efetivas nas práticas pedagógicas, pois a incorporação de novas metodologias está diretamente relacionada a outros aspectos, como a autonomia docente, as condições institucionais e as oportunidades de formação continuada.

Outro fato importante mencionado na entrevista, está na disponibilidade de recursos na escola, que influenciam diretamente no desenvolvimento dos métodos adotados pelos professores, como a mesma afirma:

Outro aspecto importante é a disponibilidade de recursos na escola, pois em ambientes com acesso à tecnologia consigo explorar plataformas digitais, filmes e visitas virtuais a museus, enquanto em contextos mais limitados os livros e o quadro assumem maior protagonismo (Andrade, 2026, entrevista concedida ao autor),

Desta forma, podemos observar que o quadro estrutural das instituições também são relevantes e influenciam os métodos utilizados em sala de aula. Contudo, embora reconheça sua importância e singularidade como alternativa para a prática do ensino de História, a entrevistada alerta aos riscos da utilização das histórias em quadrinhos de forma equivocada ou descontextualizada. Entre as preocupações, a mesma enfatiza que:

O uso de histórias em quadrinhos para ensinar História pode ser bastante estimulante, mas também envolve riscos que precisam ser considerados. Um dos principais é a simplificação excessiva, já que os quadrinhos tendem a condensar processos históricos complexos em narrativas curtas e visuais, o que pode levar a interpretações superficiais. Além disso, há o perigo de anacronismos e imprecisões, pois, para tornar a narrativa mais envolvente, os autores podem inserir elementos que não correspondem ao período retratado" (Andrade, 2026, entrevista concedida ao autor).

Tais observações são pertinentes e reforçam que as histórias em quadrinhos não devem ser utilizadas de forma isolada, mas integradas a um conjunto mais amplo de fontes históricas. Como reforça Douglas Mota Xavier de Lima em *Histórias em quadrinhos e ensino de História* (2017) no que tange a utilização desse recurso como formas alternativas de conhecimento pelo historiador:

[...] apesar de suas especificidades, as HQs também podem ser problematizadas a partir de critérios utilizados para outros documentos. Destarte, levanta interrogações como: quem são os autores? Quando e onde foi produzida? Por quem fala? A quem se destina? Qual é a sua finalidade? Do mesmo modo, o autor lembra que muitas histórias em quadrinhos colocam o historiador em contato com o problema da memória – especialmente no caso das obras autobiográficas –, do anacronismo e da verossimilhança, elementos recorrentes na prática historiográfica (De Lima, 2017, p. 153).

Deste modo, o autor defende que qualquer linguagem artística utilizada na escola precisa ser contextualizada e analisada criticamente, evitando interpretações superficiais ou equivocadas. Por fim, ao refletir sobre as mudanças necessárias para ampliar o uso das histórias em quadrinhos nas escolas, a professora destaca a importância de currículos mais flexíveis, do reconhecimento das histórias em quadrinhos como recursos legítimos de aprendizagem e principalmente, da formação docente voltada para o trabalho com narrativas visuais.

Outro aspecto evidente nesta pesquisa é a percepção amplamente favorável em relação ao potencial educativo das histórias em quadrinhos por parte dos alunos entrevistados, de forma a se evidenciar junto aos dados obtidos. Dos doze alunos entrevistados, apenas um afirmou já ter participado de uma aula de História que utilizasse histórias em quadrinhos como recurso didático, representando apenas 8,33% da amostra, enquanto os demais onze estudantes

(91,67%) nunca tiveram contato com esse tipo de metodologia no ambiente escolar. Esse dado chama atenção justamente porque contrasta com outro resultado da pesquisa, sendo: 75% dos entrevistados afirmaram ler histórias em quadrinhos fora da escola. Entre as obras mencionadas aparecem personagens tradicionais, como Homem-Aranha, Batman e Turma da Mônica, além de produções contemporâneas voltadas ao público juvenil, como em Sense Life. Essa informação revela que os quadrinhos fazem parte do cotidiano cultural desses jovens, mas continuam praticamente ausentes da prática pedagógica, de forma que podemos dialogar, com a obra "Quadrinhos e Educação: Ensino da História com criatividade", de Natania Nogueira, onde ressalta que: "No Brasil, infelizmente, esse rico material ainda está distante das escolas públicas. São publicações muitas bem elaboradas, mas com um custo elevado, como acontece com a maior parte do material paradidático" (Nogueira, 2004, s/p)

Mesmo com as múltiplas variáveis que contribuem para não efetivação concreta ou significativa das histórias em quadrinhos nos ambientes escolares, mantêm-se notadamente um certo nível de diálogo entre as esferas, já que tanto as limitações das aplicações de histórias em quadrinhos em sala, como o contato dos estudantes com essa mídia fora da escola, englobam os universos dos alunos, sendo as histórias em quadrinhos, elemento central no modelo diversificado de abordagens metodológicas, muito disso, por conta da inserção consolidada entre esse público.

Dessa forma, essa aproximação entre cultura escolar e cultura dos estudantes nos ajuda a compreender as histórias em quadrinhos, como uma importante ferramenta pedagógica. Essa perspectiva pode ser ressaltada por Will Eisner em *Quadrinhos e a arte sequencial* (1989) sobre a relevância das histórias em quadrinhos entre o público jovem:

Desde a primeira aparição dos quadrinhos na imprensa diária, na virada do século, essa forma popular de leitura encontrou um público amplo e, em particular, passou a fazer parte da dieta literária inicial da maioria dos jovens (Eisner, 1989, p. 7).

Contudo, embora reconheça sua importância e singularidade como alternativa para a prática do ensino de História, a entrevistada alerta aos riscos da utilização das histórias em quadrinhos de forma equivocada ou descontextualizada enfatizando que:

O uso de histórias em quadrinhos para ensinar História pode ser bastante estimulante, mas também envolve riscos que precisam ser considerados. Um dos principais é a simplificação excessiva, já que os quadrinhos tendem a condensar processos históricos complexos em narrativas curtas e visuais, o que pode levar a interpretações superficiais. Além disso, há o perigo de anacronismos e imprecisões, pois, para tornar a narrativa mais envolvente, os autores podem inserir elementos que não correspondem ao período retratado (Andrade, 2026, entrevista concedida ao autor).

Tais observações são pertinentes e reforçam que as histórias em quadrinhos não devem ser utilizadas de forma isolada, mas integradas a um conjunto mais amplo de fontes históricas, como reforça De Lima (2017):

Em outro momento do capítulo, Vilela destaca que apesar de suas especificidades, as HQs também podem ser problematizadas a partir de critérios utilizados para outros documentos. Destarte, levanta interrogações como: quem são os autores? Quando e onde foi produzida? Por quem fala? A quem se destina? Qual é a sua finalidade? Do mesmo modo, o autor lembra que muitas histórias em quadrinhos colocam o historiador em contato com o problema da memória – especialmente no caso das obras autobiográficas –, do anacronismo e da verossimilhança, elementos recorrentes na prática historiográfica (De Lima, 2017, p. 153).

Deste modo, o autor defende que qualquer linguagem artística utilizada na escola precisa ser contextualizada e analisada criticamente, evitando interpretações superficiais ou equivocadas. Por fim, ao refletir sobre as mudanças necessárias para ampliar o uso das histórias em quadrinhos nas escolas, a professora destaca a importância de currículos mais flexíveis, do reconhecimento das histórias em quadrinhos como recursos legítimos de aprendizagem e principalmente, da formação docente voltada para o trabalho com narrativas visuais.

Os resultados desta pesquisa demonstram ainda que essa potencialidade também é percebida pelos próprios estudantes. Quando questionados se as histórias em quadrinhos tornam as aulas de História mais interessantes, todos os doze alunos entrevistados responderam afirmativamente. As justificativas apresentadas variaram entre os mais diferentes argumentos, mas todas convergem para elementos bastante semelhantes como: maior dinamismo das aulas, facilidade para compreender conteúdos complexos, melhor aproveitamento da linguagem visual e maior envolvimento durante a aprendizagem. Um dos alunos destacou que "a utilização da linguagem mista, composta por imagens e textos, torna mais claro o conteúdo" (Aluno A, 2026, entrevista concedida ao autor). Outro afirmou que "ela pode simplificar coisas complexas ajudando o leitor mais leigo a compreender melhor assuntos difíceis" (Aluno B, 2026, entrevista concedida ao autor).

Essa unanimidade, também é observada nas respostas quando os estudantes foram perguntados se as histórias em quadrinhos poderiam contribuir para o ensino de História. Novamente, todos responderam positivamente, destacando aspectos relacionados à visualização dos acontecimentos históricos, ao desenvolvimento da compreensão e ao estímulo da reflexão crítica. Um dos entrevistados afirmou que "você consegue visualizar melhor o que está acontecendo na história por causa das imagens" (Aluno C, 2026, entrevista concedida ao

autor). Enquanto outro destacou que as histórias em quadrinhos podem representar tanto acontecimentos do passado quanto temas contemporâneos.

Entretanto, os próprios estudantes demonstram entender que as histórias em quadrinhos não devem substituir completamente o livro didático. Quando questionados sobre essa possibilidade, a maioria afirmou que ambos os recursos devem atuar de forma complementar, tal análise aproxima-se das reflexões de Circe Bittencourt, na obra *Ensino de História: Fundamentos e métodos* (2008), onde ressalta:

O livro didático, como já foi ressaltado anteriormente, é um material importante e de grande aceitação, porque, além de oferecer, organizar e sistematizar os conteúdos explícitos, inclui métodos de aprendizagem da disciplina (Bittencourt, 2008, p. 315).

Dessa forma, o livro didático permanece importante para a organização dos conteúdos a serem abordados em sala, mas pode ser enriquecido por diferentes linguagens, documentos históricos, imagens, filmes, músicas e histórias em quadrinhos. Dessa forma, não se trata de substituir um recurso por outro, mas de ampliar as possibilidades de construção do conhecimento histórico, reconhecendo o potencial das metodologias alternativas.

Maus, de Art Spiegelman, como possibilidade para o ensino de História

Entre as inúmeras possibilidades de histórias em quadrinhos que abordam acontecimentos históricos, *Maus: A História de um Sobrevivente*, de Art Spiegelman, destaca-se como uma das obras mais relevantes para o ensino de história, podendo ser trabalhada tanto para os estudos sobre memória quanto para o ensino de História Política. Mas antes de conhecê-la através de seu potencial pedagógico, é necessário reconhecê-la por inteiro. Publicada originalmente na década de 1980, sendo vencedora do Prêmio Pulitzer (1992), a obra representa um marco na consolidação das histórias em quadrinhos enquanto linguagem artística e como suporte capaz de produzir conhecimento histórico. Desta forma, tal reconhecimento ultrapassou o campo dos quadrinhos, e foi inserindo definitivamente nos debates historiográficos, educacionais e culturais sobre representação do Holocausto.

A História de Maus, apresenta seu texto através do testemunho de Vladek Spiegelman, pai do autor e sobrevivente judeu dos campos de concentração nazistas. Ao invés de narrar apenas os acontecimentos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, a obra estabelece um diálogo constante que se difere das maiorias das abordagens tradicionais, mesclando em suas análises passado e presente, revelando como o trauma permanece presente na vida do sobrevivente e influencia as relações familiares décadas após o término do conflito.

Como podemos observar nas análises de Danilo Nagib Queiroz de Mattos sobre *Maus* na obra denominada "Sangrando História: os quadrinhos Maus e uma narrativa do Holocausto a contrapelo" (2017), onde o mesmo destaca que a obra rompe com o positivismo histórico ao articular lembrança, trauma e representação, aproximando-se da micro-história e da história vista "de baixo". O autor trás essas perspectivas justamente porque dialogam diretamente com a crítica de Walter Benjamin ao historicismo tradicional, sobretudo em teses sobre o conceito de história, onde propõe uma leitura "a contrapelo" do passado, privilegiando neste caso os vencidos e os que geralmente são silenciados na historiografia. Nesse sentido, Mattos (2017) argumenta que *Maus* materializa essa entendimento ao apresentar o Holocausto pela experiência individual de seu pai Vladek, recusando narrativas heroicas dos grandes nomes da época.

No ensino de História, tais abordagens ecoam em metodologias que incorporam linguagens visuais e fontes não convencionais, como destaca Mattos, ao afirmar:

Diante deste olhar um tanto amadurecido, Maus vai ser de grande importância quanto ao debate sobre o Holocausto. O uso de uma fonte oral, a preocupação em relatar as histórias de seu pai com a maior crueza possível, a aplicação equilibrada do antropomorfismo, somada à metalinguagem, ao relato autobiográfico e histórico: todos debates, fora da academia, sobre a ditadura nazista, principalmente acerca da perseguição contra os judeus (Mattos, 2017, p. 31).

Um dos elementos mais conhecidos da obra é a escolha estética de representar grupos humanos por meio de animais antropomorfizados, ou seja, dando sentidos humanos (como fala e expressões) para os animais, sendo: judeus como ratos; alemães como gatos; poloneses como porcos; norte-americanos como cães; e franceses como sapo.

Figura 3 - Personagem de Maus



Fonte: Spiegelman, 1986

1986

Figura 4 - Personagem de Maus



Fonte:

Spiegelman,

Essa estratégia de utilização, não busca minimizar ou tratar os fatos traumáticos de forma caricata, muito pelo contrário, essa opção narrativa funciona como uma metáfora visual

construída para problematizar os discursos raciais difundidos pelo regime nazista. Uma dessas representações é a lógica de nossa realidade em que gatos caçam os ratos (representados na obra). Dessa forma, ao utilizar essa representação, o autor evidencia o processo de desumanização promovido pela propaganda nazista e permite que uma vasta gama de leitores compreenda, por meio da linguagem visual, mecanismos de exclusão, preconceito e violência, possibilitando, também, uma alternativa eficaz de ensino sobre o tema.

Desse modo, as autoras Viviane Oliveira e Jaqueline Araújo em "Uso da História em Quadrinhos Maus como recurso didático no ensino de História" (2016), ressaltam que a forma de representação dos personagens contribui para que os alunos compreendam, de maneira lúdica e significativa, o contexto histórico e político no qual a narrativa se desenrola. Segundo as pesquisadoras, essa estratégia didática amplia o engajamento discente e favorece processos de aprendizagem mais críticos e contextualizados, de forma a se evidenciar na seguinte alegação:

A representação dos personagens de forma bastante interessante: os judeus são representados como ratos, enquanto os poloneses são porcos, os alemães são gatos, franceses sapos e os americanos cachorros, cada um ligado à sua nacionalidade e posição política e social e tais abordagens podem ser levadas em questão em sala de aula para estimular o desenvolvimento de um senso crítico nos alunos (Oliveira; Araujo, 2016, p. 2)

Nesse sentido, *Maus* não deve ser entendido apenas como uma história em quadrinhos sobre o Holocausto, mas como uma narrativa que articula memória, testemunho e reflexão histórica, conforme discutido por Victor Vitória de Barros Corrêa (2017), onde diz que "é um divisor de águas para as histórias em quadrinhos ocidentais e marcou o processo de desmarginalização da nona arte" (2017, p. 13). A partir dessa perspectiva, *Maus* rompe com o estigma (discutido anteriormente neste artigo) de que histórias em quadrinhos seriam destinadas exclusivamente ao entretenimento infantil, passando a ocupar espaço entre documentos culturais relevantes para diferentes áreas do conhecimento.

Sob a perspectiva do ensino de História, as características do quadrinho *Maus* a tornam uma obra especialmente significativa. Ao trabalhar simultaneamente os textos, imagens, enquadramentos e metáforas visuais, *Maus* amplia as possibilidades de leitura dos estudantes, fazendo com que eles interpretem não apenas aquilo que está escrito, mas também aquilo que é mostrado pelas imagens, tornando-se particularmente importante quando se trabalha um tema sensível como o Holocausto.

Durante muito tempo, esse conteúdo foi apresentado nas escolas quase que exclusivamente por meio dos livros didáticos e textos historiográficos. Embora tais materiais continuem sendo fundamentais, eles nem sempre conseguem aproximar os estudantes do tema abordado a partir da experiência humana. Em *Maus* por outro lado, o Holocausto é apresentado a partir da experiência cotidiana de um sobrevivente, permitindo que o aluno compreenda não apenas os grandes acontecimentos daquele momento histórico, mas também entenda seus impactos sobre os indivíduos "menores".

A partir disso, *Maus* ganha uma gama de possibilidades de aplicação no ensino de história, podendo ser problematizadas questões como quem narra a história, em que momento ela foi feita, quais memórias são privilegiadas e silenciadas, quais relações podem ser estabelecidas entre memória individual e memória coletiva, na análise de linguagem visual, que tem uma carga simbólica mais forte que os livros didáticos. Essa concepção dialoga com o trecho de *Maus*, em que os judeus aparecem caminhando sob vigilância nazista, utilizada na elaboração dessa pesquisa com os alunos entrevistados:

Figura 5 - Judeus caminhando sob vigilância nazista em *Maus*, de Art Spiegelman



Fonte: Spiegelman, 1986

Essa cena, mostra visualmente os processos de segregação, perseguição e a perda de direitos vividos pela população judaica durante o regime nazista de Hitler. Antes mesmo da leitura dos diálogos, os estudantes conseguem identificar as relações de poder, medo e violência presentes no contexto da obra.

Durante minha pesquisa, essa imagem foi apresentada aos estudantes antes da contextualização completa da narrativa, as respostas obtidas mostram que a representação despertou curiosidade imediata. Muitos alunos afirmaram inicialmente estranhar essa opção estética, mas após a contextualização do fato histórico, passaram a compreender que se tratava de uma metáfora relacionada à propaganda racial nazista. Esse processo revelou que a

linguagem visual favoreceu a formulação de hipóteses pelos próprios estudantes, estimulando que eles fizessem também seus próprios questionamentos. Em sala de aula, esses estímulos, podem favorecer a aprendizagem, fazendo com que os alunos não fiquem "reféns" da intervenção pedagógica somente do docente e compartilhem suas próprias impressões (conduzidas pelo professor em sala)

Outro ponto relevante se dá nas diferentes possibilidades de utilização da obra em sala de aula. Embora seja frequentemente associada ao ensino do Holocausto, *Maus* pode ser explorado em diversos conteúdos previstos no currículo da Educação Básica, entre eles: O estudo da Segunda Guerra Mundial, o nazismo, os regimes totalitários, os direitos humanos, os genocídios do século XX, memória, cultura visual, história oral, racismo, xenofobia e intolerância religiosa.

Todavia, a utilização de *Maus* exige planejamento por parte do professor, uma vez que as histórias em quadrinhos não substituem outras fontes históricas, sendo necessária tal mediação. Por fim, compreender *Maus* como ferramenta metodológica de ensino significa reconhecer que o ensino de História pode incorporar diferentes linguagens sem perder o rigor historiográfico. Muito pelo contrário, a utilização crítica dessa obra amplia o repertório documental disponível ao professor, aproxima os estudantes de uma temática historicamente complexa e favorece o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao entendimento de ocorridos históricos através da leitura de imagens.

Conclusão

Conclui-se dessa forma, que as histórias em quadrinhos constituem uma importante possibilidade metodológica para o ensino de História, contribuindo para a diversificação das práticas pedagógicas e para uma aprendizagem mais crítica e significativa. A pesquisa bibliográfica, aliada às entrevistas realizadas com a professora participante e os estudantes, demonstrou que essa linguagem desperta o interesse dos alunos, facilita a compreensão de conteúdos históricos e favorece o desenvolvimento da reflexão sobre acontecimentos do passado. Nesse contexto, *Maus*, de Art Spiegelman, revela-se como uma obra capaz de abordar um tema sensível como o Holocausto de maneira crítica, promovendo discussões sobre memória, violência, preconceito e direitos humanos. Entretanto, sua utilização deve ocorrer de forma planejada e articulada aos objetivos do ensino, preservando o rigor histórico.

Por fim, este trabalho reafirma que as histórias em quadrinhos não devem substituir metodologias tradicionais, como o livro didático, mas atuar como um recurso complementar que amplia as possibilidades de ensino à disposição do professor. Espera-se que esta pesquisa

incentive novas discussões sobre o uso das histórias em quadrinhos na educação e contribua para a construção de práticas pedagógicas mais dinâmicas, inclusivas e capazes de aproximar os estudantes do conhecimento histórico

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- CORREIA, Victor Vitório de Barros. **História em quadrinhos, memória em quadrinhos: a representação do trauma em Maus** – a História de um sobrevivente. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- HAAG, Carlos. A nona arte. Pesquisa FAPESP, São Paulo, ed. 187, set. 2011. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-nona-arte/>. Acesso em: 5 jul. 2026.
- LIMA, Douglas Mota Xavier de. Histórias em quadrinhos e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 6, n. 11, p. 147–171, 2017. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/332>. Acesso em: 9 jul. 2026.
- MATOS, Natalia Costa de. **Espaço nona arte: o lugar dos quadrinhos na cidade**. 2013. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- MATTOS, Danilo Nagib Q. de. **Sangrando história: os quadrinhos Maus e uma narrativa do Holocausto a contrapelo**. Monografia – Universidade Federal Fluminense, 2017.
- NOGUEIRA, Natania. Quadrinhos e educação: ensino da história com criatividade. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-MG, 14., 2004, Juiz de Fora. Anais [...]. Juiz de Fora: ANPUH-MG, 2004.
- NOGUEIRA, Natania A. Silva. Aprendendo história através das HQs: experiências e considerações. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais... Londrina: Associação Nacional de História (ANPUH), 2005.
- OLIVEIRA, Viviane Carneiro de et al. Uso da história em quadrinhos Maus como recurso didático no ensino de História. Anais III CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/2239>. Acesso em: 9 jul. 2026.
- PEGORARO, Celbi. História e cultura brasileira: a consolidação das histórias em quadrinhos nos estudos da Comunicação. In: VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (org.). *A história em quadrinhos no Brasil: análise, evolução e mercado*. São Paulo: Editora Laços, 2011.

RAMOS, Marise Nogueira. O currículo para o ensino médio em suas diferentes modalidades: concepções, propostas e problemas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 116, p. 771–788, jul./set. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wvQnFZtH8tH6Xq9Wc3Vb9Wq/>. Acesso em: 9 jul. 2026.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 355–367, set./dez. 2009.

SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TILLEY, Carol. Os leitores de histórias em quadrinhos no meio das mentiras de Fredric Wertham. **9ª Arte**, São Paulo, v. 8, n. 1, 1º semestre de 2019.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio dos (org.). *A história em quadrinhos no Brasil: análise, evolução e mercado*. São Paulo: Editora Laços, 2011.